

Carolina Fernandes Silva¹

Janice Zarpellon Mazo²

**GRÊMIO DE REGATAS ALMIRANTE TAMANDARÉ: MEMÓRIAS DA
FUNDAÇÃO DO PRIMEIRO CLUBE DE REMO “BRASILEIRO” EM PORTO
ALEGRE (1903-1923)**

*The Regatta's Grêmio Almirante Tamandaré: Memories of the Foundation of the
First Brazilian Rowing Team in Porto Alegre (1903-1923)*

Resumo: Os luso-brasileiros uniram-se no princípio do século XX em Porto Alegre para fundar o primeiro clube de remadores “genuinamente brasileiro”: Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. Embora adotando uma prática esportiva trazida pelos imigrantes alemães, esta associação buscava nacionalizar o esporte e afirmar uma identidade brasileira. O remo, como prática esportiva, foi introduzido no Rio Grande do Sul pelos imigrantes alemães, que além de fundarem os primeiros clubes de regatas no Estado utilizaram o associativismo esportivo como forma de preservar sua identidade cultural. O objetivo deste estudo é identificar como os luso-brasileiros reutilizaram as representações culturais para enfatizar uma identidade brasileira em Porto Alegre, através da fundação do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, no princípio do século XX em Porto Alegre. O processo metodológico adotado foi a pesquisa documental. A fundação da associação esportiva pelos luso-brasileiros revela que estes visavam preservar uma identidade nacional brasileira que valorizava sua cultura, e também foi uma das maneiras encontradas pelos lusos se fixarem no espaço social disputado com os imigrantes alemães e seus descendentes em Porto Alegre. O remo foi utilizado para caracterizar sua presença, enquanto brasileiros natos e esportistas que lutavam para afirmar uma identidade nacional brasileira.

Palavras-chaves: Remo. História do esporte. Identidade nacional.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro integrante do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME); Centro de Estudos Olímpicos (CEO) da ESEF/UFRGS.

² Doutora em Ciências do Desporto (FADE/UP). Professora da Escola de Educação Física da UFRGS. Coordenadora do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME); Centro de Estudos Olímpicos (CEO) da ESEF/UFRGS.

Abstract: *The Luso-Brazilians got together on the beginning of the XXth century in Porto Alegre to create the first “genuinely Brazilian” rowing team: The Regatta’s Grêmio Almirante Tamandaré. Although adopting sport practices brought from the German culture, this association had the purpose of nationalizing the sport and creating a Brazilian identity to it. The rowing, as a sport practice, was introduced in Rio Grande do Sul by the German immigrants, that, besides having established the first the first regatta’s teams in the state, utilized the sport’s association as a form of preserving their German cultural identity. The purpose of this research is to identify how the luso-Brazilians have reused the cultural representations to emphasize a Brazilian identity in Porto Alegre, through the foundation of The Regatta’s Grêmio Almirante Tamandaré on the beginning of the XXth century in Porto Alegre. The methodological process used was the documental research. The foundation of the sport association by the Luso-Brazilians shows that they wanted to preserve a national Brazilian identity that, besides valuing their culture, was also a way to establish themselves in the social environment among the German immigrants and their descendants in Porto Alegre. The rowing was used to characterize themselves as native Brazilians and strong athletes that fight to keep their national Brazilian identity.*

Key-words: *Rowing. Sport history. National identity.*

INTRODUÇÃO

O Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré (GRAT), fundado no início do século XX, foi a primeira associação esportiva fundada por luso-brasileiros em Porto Alegre. Até então havia somente associações de remadores organizadas pelos imigrantes alemães e seus descendentes (teuto-brasileiros). No princípio, o GRAT construiu elementos culturais que o diferenciavam das demais associações esportivas de remo da cidade, fundadas pelos teuto-brasileiros. O “clube de remo dos luso-brasileiros”, como era conhecido na cidade, buscava afirmar uma identidade nacional brasileira.

A adoção de uma identidade é uma forma de reconhecer-se em algo como, por exemplo, em suas crenças, bem como afirmá-las. No momento em que um indivíduo se apropria de uma cultura específica, se identifica como fazendo parte de um todo que já possui um lugar próprio no mundo social e cultural. A identidade nacional é um fenômeno cultural coletivo, um conceito multidimensional de pertencimento à nação, a um grupo étnico que habita o mesmo território e possui a mesma cultura, inseparável da sua própria percepção coletiva. É o fazer-se parte de uma nação, que se afirma no campo cultural, além do político, “ao passo que a base da comunidade cultural resulta

da adoção das mesmas categorias de interpretação do mundo, do mesmo sistema de valores e das mesmas práticas culturais” (MATTOSO, 1998, p. 5). Não necessariamente deve ser a terra de última origem, pode ser a terra natal, sua pátria, onde se encontram as memórias, o local onde se viveu ou onde está a matriz cultural do grupo que se convive, produzindo um sentimento de nacionalismo, provendo uma identidade para indivíduos vinculados por laços culturais.

Smith (1997) diz que a identidade nacional compreende tanto uma identidade cultural como uma identidade política, e localiza-se quer numa comunidade política, quer numa comunidade cultural. Uma série de componentes interligados compõe a identidade nacional, como o étnico, o cultural, o territorial, o econômico e o político, os quais segundo Smith (1997, p. 28) exprimem os laços de solidariedade entre membros de comunidades, unidos por memórias, tradições e mitos partilhados. A preservação de práticas culturais de um país específico com o qual o indivíduo se identifica, sendo seu local de nascimento ou não, é uma maneira de caracterização de uma identidade nacional por um grupo, uma forma de manutenção da diferenciação entre etnias e de delimitação do espaço social entre diferentes culturas.

No período de colonização do Rio Grande do Sul, as identidades nacionais dos imigrantes europeus eram mantidas com a preservação de algumas práticas culturais da sua terra de origem. Trazendo a cultura de seu país de origem, cada etnia procurou mantê-la de diferentes maneiras, preservando sua identidade nacional. As práticas e representações foram re-significadas pelos imigrantes e seus descendentes no sentido de afirmar sua identidade cultural. Para olhar essa construção dos grupos, tendo como referência a perspectiva de Certeau (2008), considera-se que fizeram uma “bricolagem com e na economia cultural dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras” (p. 40).

No início do século XX, na capital do Estado do Rio Grande do Sul, o associativismo esportivo teve importante papel no processo de construção de uma identificação nacional, promovendo a integração e a unidade de grupos de imigrantes que o reconheciam como forma de conservação cultural (MAZO, 2003). As primeiras associações e sociedades esportivas e os clubes eram utilizados como forma de identificação entre culturas, recriando identidades culturais. Para Cuhe (1999), a

identidade cultural: “É uma modalidade de categorização da diferença e distinção hierárquica, com base no vínculo cultural”.

Os alemães que imigraram para o Estado valeram-se das práticas esportivas como representações da sua identidade cultural. Para tanto fundaram associações esportivas e culturais, onde predominava o idioma e as práticas culturais da sua Pátria-mãe, que foram encaradas como um dos pilares da germanidade. De acordo com Gertz (1991, p. 32), germanismo é uma tradução da palavra *Deutschtum*, e designa o conjunto da população de alemães e seus descendentes, como também pode ser traduzida como uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã.

O remo era uma prática esportiva tradicional na Alemanha, onde possuía uma grande demanda de praticantes e aderência do público às regatas lá organizadas. As primeiras associações esportivas destinadas à prática do remo em Porto Alegre foram fundadas por teuto-brasileiros, que mantiveram seus costumes culturais e reclassificaram a prática como cultural alemã. Segundo Mascarenhas (2001), por seu elevado custo, o remo figurava entre as modalidades esportivas restritas às camadas sociais mais favorecidas.

Os luso-brasileiros, buscando uma maior representação esportiva em Porto Alegre e em reação à homogeneidade de associações esportivas com identidade alemã na cidade, fundaram o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. A fundação da associação pode ser vista como uma reação ao domínio teuto-brasileiro no esporte. Segundo Burke (2005), o confronto de identidades culturais é percebido como um processo que se constitui por meio de representações e práticas culturais. Sendo que “representações são expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos” (PESAVENTO, 2008, p. 39).

Para Certeau (2008), a re-significação de práticas e representações culturais constituem as práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural. O autor acrescenta:

[...] a presença e a circulação de uma representação não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização. (CERTEAU, 2008, p. 40)

O objetivo deste estudo é identificar como os luso-brasileiros reutilizaram as representações culturais para enfatizar uma identidade brasileira em Porto Alegre, através da fundação do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, no princípio do século XX em Porto Alegre. Para tanto, o procedimento metodológico adotado foi a pesquisa documental. O principal alvo de consulta foi o “Álbum comemorativo ao 20º aniversário do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré 1903-1923”, onde constam atas, registros das provas, depoimentos e a trajetória do clube durante esse período. Além dessa obra também foram utilizados almanaques esportivos, teses e artigos, sendo que todas as fontes foram submetidas à análise crítica.

Espera-se que este estudo possa contribuir para refletir, a partir do fenômeno cultural do associativismo esportivo, de que forma foi realizada a construção de uma cultura identificada como “brasileira”.

A fundação de uma associação esportiva de remadores “brasileiros”

O Rio Grande do Sul é considerado o Estado pioneiro na prática do remo no Brasil, trazido da Alemanha por seus imigrantes em meados do início do século XIX. No Estado era prática esportiva regular entre grupos de amigos sem fins competitivos (PEREIRA e MAZO, 2005. p. 47), sendo também praticado no Rio de Janeiro, Capital do Império na época, porém sem sociedades organizadas. Segundo Melo (2006, p.5), o remo já existia na cidade do Rio de Janeiro desde a década de 1870, mas o seu desenvolvimento era lento, principalmente porque estava ligado à uma prática ainda não completamente aceitável no contexto sociocultural do Rio de Janeiro da época, porém, o crescimento do remo foi notável já nos anos finais do século XIX, quando ganha popularidade e passa cada vez mais a ser aceito pela população.

O primeiro registro oficial da prática do remo no Rio Grande do Sul foi a organização da Regata Imperial em homenagem ao Imperador Pedro II, de passagem pelo Estado, em 1865 na cidade de Rio Grande. Foi considerada a primeira regata oficial disputada entre remadores de Rio Grande e Porto Alegre. Segundo Hofmeister (1981, p. 11), os “hamburgueses”, guarnição da cidade sede, triunfaram sobre os porto-alegrenses. Medalhas de ouro e finas faixas bordadas com fitas douradas com a

inscrição “Regata Imperial” foram recebidas das mãos de Dom Pedro II como premiação.

As primeiras associações esportivas para prática do remo foram fundadas por teuto-brasileiros. Em 21 de novembro de 1888, foi fundado o *Ruder Club* Porto Alegre (Clube de Remo Porto Alegre), pioneiro neste esporte. Fundado por Alberto Bins, jovem vindo recentemente da Alemanha, onde estava concluindo seus estudos, conheceu e praticou esportes náuticos como o remo e a vela. Os dois primeiros barcos do clube foram importados da Alemanha com um empréstimo concedido pela mãe de Alberto Bins, o qual ele e seus amigos pagaram em várias prestações, mostrando que o valor que necessitavam para iniciar o esporte era bastante elevado.

Após quatro anos, foi fundado o *Ruder-Verein Germania* (Clube de Remo Germânia), a qual, assim como o anterior, era de identidade cultural alemã. O nome do clube, dos barcos, premiações, seus estatutos, documentos oficiais, ordens técnicas e vozes de comando eram ministradas no idioma alemão.

Apesar de permitida a inserção de brasileiros de outras culturas, esta imposição da identidade cultural alemã incomodava os luso-brasileiros, despertando o interesse de fundar uma associação com identidade diferente da imposta pelos alemães, firmando assim a representação “brasileira” que os luso-brasileiros possuíam, inserindo um confronto na espacialização social que os teuto-brasileiros impuseram.

Em 18 de janeiro de 1903, um grupo de teuto-brasileiros se uniu para fundar o GRAT, comandado por Gaspar Fróes de Azevedo, capitão de corveta, maior idealizador desta associação. Fróes presidiu a reunião em que foi definido o nome e a comissão organizadora do GRAT. No mesmo ano instalou-se em um barracão à Rua General Portinho, quase esquina com Andradas, cedido pela capitania do Porto. A criação do primeiro clube com identidade “brasileira” em Porto Alegre caracteriza como a prática esportiva pode ser reutilizada para a construção de uma identidade cultural, e a reutilização de representações culturais como forma de enfatizar esta identidade. Apontando na direção de uma identidade nacional e reforçando “o entendimento de que a cidadania e a nacionalidade são definidas pelo país de nascimento, os luso-brasileiros consideravam-se cidadãos brasileiros de nacionalidade brasileira” (MAZO e FROSI, 2008). Indo de encontro à concepção teuto-brasileira, que estabelecia a cidadania pela

participação política e econômica no país, e a nacionalidade estava relacionada à filiação cultural.

Os fundadores do GRAT, ao utilizar uma identidade nacional para o clube, resignificaram alguns símbolos que caracterizavam a cultura brasileira, sendo essas “maneiras de fazer” (CERTEAU, 2008) as práticas pelas quais se reapropriaram do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural. Para caracterizar o clube como o primeiro verdadeiramente nacionalizado, construindo algumas representações e práticas culturais, como: adotando a língua portuguesa como idioma oficial, o nome de um herói nacional como título da associação e os nomes dos barcos em um idioma das tribos indígena que povoavam o país antes da colonização.

Homenagem a um herói nacional: o Almirante Tamandaré

A escolha do nome da associação demonstra a identidade cultural à qual esta estaria vinculada o Almirante Tamandaré, que nasceu na vila de São José do Norte, no Rio Grande do Sul. Consta na primeira ata oficial de fundação, que a escolha pelo nome do almirante seria “em homenagem aos feitos gloriosos daquele ínclito rio-grandense” (CASTELLO, 1923. p. 05), demonstrando assim não apenas a identidade nacional, mas também regional do grêmio. O mesmo autor traduz de forma satisfatória o sentimento da época sobre a fundação do grêmio para os jovens idealizadores:

Bem compreendiam o Sport como um meio, e não como um fim na vida do homem. Um meio para o desenvolvimento do organismo, um meio para a formação completa da Nacionalidade ainda em embrião. Assim estavam imaginando no extremo sul da Pátria um systema attraente e benéfico, por útil e agradável de retemperar os liames da nacionalidade (p. 3).

Na reunião de instalação solene do GRAT e inauguração do retrato do Almirante Tamandaré na sede da sociedade, que ocorreu no dia 7 de setembro do mesmo ano, o orador oficial, Arthur Pinto da Rocha, discursou para um grande público que se fazia presente, utilizando-se da narrativa do passado, reforçou recorrentemente os feitos e as glórias do patrono, construindo o herói no imaginário coletivo. Visando um processo de transformação social, com o objetivo de atrair um maior número de participantes para o clube, procurou a construção de uma memória coletiva, fazendo uma “constituição

simbólica, que envolve várias batalhas simbólicas pela apropriação de eventos do passado que devem ser lembrados e demarcação dos que devem ser esquecidos” (OLIVEIRA, 2003, p. 68).

Arthur Pinto da Rocha dirigia-se seguidamente aos jovens, inculcando-lhes a idéia de nacionalidade através do exemplo heróico da figura do almirante na história do país, entre 1823 e 1867: “em 1823 ligava o seu nome de bravo à história da nossa independência, em 1826 era prisioneiro na Patagônia, (...) em 1848 subtrahia à morte a tripulação da Vasco da Gama, e de 1865 a 1867 gravava seu nome heróico e forte nas escarpas do Paraguay” (CASTELLO, 1923, p. 11). Em outro momento de seu discurso, Rocha conclama à mocidade da época presente na comemoração, “moldar a sua pela alma do grande brasileiro”, fazendo-a assumir um compromisso de honra e reforça: “vós que preparares para a *direcção* da pátria brasileira no seu brilhantíssimo futuro, que tendes o culto sagrado das glórias *nacionaes*, vós que escolhestes para *symbolo* dos vossos *ideaes* esse nome de guerra e de honra” (CASTELLO, 1923, p. 11).

Desta forma fez-se a construção do herói, um ser onipotente, que passa por um tempo de provações, no limite de suas forças, no qual é obrigado a travar um combate solitário com o mal até o triunfo final, “que implica o advento de um tempo de glorificação, baseado em torno de manifestações de orgulho e piedade, este é o perfil básico do herói que confirma sua excepcionalidade” (ARAÚJO citado por OLIVEIRA, 2003, p. 67).

Segundo Melo (2006), o remo era caracterizado como o esporte do “exercício physico”, usado para defender e propagar os benefícios dessa prática. O mesmo autor cita: “É o esporte da saúde, do desafio, que educa o músculo e a moral. Prática adequada à uma juventude ativa, forte e com “liberdade de espírito” suficiente para conduzir a nação ao progresso necessário” (MELO, 2006, p. 8).

Além do nome do Almirante no título da associação, os fundadores utilizaram em vez de *club* (termo inglês) a palavra grêmio, usada pelas associações dos alemães. Desta forma, mantiveram a característica brasileira utilizando a língua portuguesa na identificação da associação.

O “português” é a língua oficial do Tamandaré

A primeira associação esportiva para a prática do remo do país foi fundada em Porto Alegre em 21 de novembro de 1888, a *Ruder Club* Porto Alegre (Clube de Remo Porto Alegre), por iniciativa de imigrantes alemães, que praticavam o esporte nos moldes do então desenvolvido na Alemanha. Estatutos, normas técnicas, atas e documentos oficiais, instruções técnicas e vozes de comando eram ministrados no idioma da Pátria-mãe de seus fundadores: o “alemão”. Assim demarcavam um espaço sociocultural, restringindo de forma simbólica, a inserção no clube de outras identidades culturais para a prática do esporte náutico, apesar de ser permitida a associação de brasileiros de outra etnia.

Nos mesmos moldes do *Ruder Club* Porto Alegre (Clube de Remo Porto Alegre), em 29 de outubro de 1892, jovens teuto-brasileiros fundaram o *Ruder-Verein Germania* (Clube de Remo Germânia), que também adotou o alemão como língua oficial do clube, mantendo assim a cultura dominante, assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras identidades culturais que coexistiam na cidade. Estas duas guarnições passaram a rivalizar-se nas regatas em Porto Alegre. Com o objetivo de desenvolver a disputa do remo na cidade, então fundaram o Comitê de Regatas em 17 de fevereiro de 1894, primeira federação esportiva fundada no Rio Grande do Sul.

Assim como acontecia nos dois clubes de remo da época, as atas, as medalhas e a denominação do prêmio principal eram todos em idioma alemão e o Comitê de Regatas foi presidido somente por desportistas teuto-brasileiros, até 1903. Neste início de século XX, onde os teuto-brasileiros dominavam as associações esportivas em Porto Alegre, o idioma alemão era soberano nas agremiações de remo e em reação a este domínio os luso-brasileiros se fizeram representar no associativismo esportivo, escolhendo este esporte náutico para isso.

Com o objetivo de fundar um grêmio de regatas onde não se necessitasse falar alemão e desta forma impor uma identidade cultural diferente da então construída em torno do esporte, em 18 de janeiro de 1903 reuniu-se na Capitania dos Portos da cidade de Porto Alegre, um grupo de pessoas para resolverem a fundação de um grêmio de natação e regatas, sendo na ocasião proposto que o grêmio se denominasse “Brasil”

(CASTELLO, 1923, p. 5), fazendo uma referência direta ao país, firmando uma identidade “brasileira” e dando assim início à adoção de uma postura nacionalista, afirmando o objetivo de adquirir uma identidade de “a primeira associação esportiva nacionalizada do estado”.

Animava a esse grupo de luso-brasileiros, os quais se diziam “visionários perfeitos da realidade,” porque aceitava como sua pátria o país em que nasceram e vivem. Com o GRAT, procuraram realizar o conagraçamento de elementos diversos e mal integrados no corpo nacional e a união de unidades isoladas da pátria comum (segundo os próprios luso-brasileiros). Acreditavam serem na medida das possibilidades relativas de energias modestas para o organismo forte do Brasil de amanhã.

Utilizando-se da palavra como instrumento de produção simbólica, outra representação da identidade nacional reutilizada foi um dos principais símbolos do Brasil, o idioma de seus primeiros habitantes: as tribos indígenas que povoavam o país antes mesmo da chegada dos imigrantes portugueses e alemães. Os fundadores do clube re-significaram esta característica, em todos seus barcos.

Os barcos do Tamandaré são batizados com nomes indígenas

Os barcos, além de seus remadores, são os maiores símbolos de um clube de remo, tanto que recebem madrinhas – uma das poucas representações femininas no esporte no início do século –, que os batizam com nomes específicos. O GRAT utilizou-se deste mecanismo de re-significação da cultura para afirmar sua identidade cultural nacionalista. Procurando ter uma representação brasileira, seus barcos receberam nomes de origens indígenas tupi-guarani, desta forma apropriando-se de certos elementos culturais como forma de representação de sua identidade. São designadas como tupi-guarani as tribos indígenas que habitavam o litoral brasileiro, quando a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500. Ainda, como refere Boudin (1963, p. 22): “Os tupis-guaranis formam uma mesma nação, usando de preferência o guarani para as tribos do sul (Brasil, Paraguay, Argentina, Uruguay), e tupi para os elementos de centro e norte do país”.

Todos os barcos foram batizados com nomes indígenas que começam com a letra “T”, porque através da repetição faz-se uma construção simbólica no imaginário

coletivo. Como o próprio nome do grêmio (Tamandaré) começa com T, esta se tornou uma produção simbólica que os luso-brasileiros re-significaram como uma forma de estruturar na memória coletiva um elo com a associação. Estruturando a identidade nacional, Castello cita a correlação feita pelo clube com o nome tupi em um de seus barcos:

O nome Tabajara significa na língua tupy, senhor da taba, ou povo dominador. Os tabajaras, que faziam parte da tribo tupy, habitavam o litoral de Pernambuco no Rio de Grande do Norte, tendo eles auxiliado fortemente os portugueses nas lutas contra os cahetés (CASTELLO, 1923, p. 39).

Portanto criou-se uma tradição ao utilizarem os nomes em tupi-guarani, que se iniciam pela letra “T”, em todos os barcos que faziam parte da guarnição do GRAT. Oliven (1992, p. 20) afirma que “a memória coletiva está ligada a um grupo relativamente restrito e portador de uma tradição, aproximando-se do mito e manifestando-se através da ritualização dessa tradição”. Sempre procurando a diferenciação como maneira de transpor o domínio teuto-brasileiro, reforça a sua espacialização na sociedade através da repetição de um dos simbolismos adotados como marca do GRAT: a letra T.

O sentimento dos fundadores era demarcar de forma simbólica fronteiras entre as culturas, adotando uma identidade brasileira para o grêmio, utilizando-se da língua portuguesa, assim como símbolos que reforçassem esta representação, ficando conhecido como “a associação dos remadores brasileiros” (MAZO e FROSI, 2008). Os mesmos autores afirmam: “A fundação do clube foi uma forma de expressão da identidade cultural dos luso-brasileiros, enquanto reação à presença de outros grupos culturais que disputavam a espacialização social da cidade” (p. 7).

Disputas de identidades no associativismo esportivo porto-alegrense

As competições entre os clubes era a maneira como estes afirmavam sua representatividade na sociedade e assim atraíam mais associados, disputando entre si a preferência dos torcedores da cidade, assim expandindo os limites espaciais da cultura herdada da sua pátria-mãe, tanto luso-brasileiros que se consideravam “filhos desta terra”, o Brasil, quanto teuto-brasileiros que se consideravam filhos da Alemanha e

cidadãos brasileiros. Neste “confronto entre representações de identidade” (BURKE, 2005), cada clube possuía torcedores que se identificavam com a cultura que este representava, acirrando ainda mais a rivalidade entre as etnias, causando, muitas vezes conflito entre as torcidas. As torcidas das associações esportivas viam-se como “os próprios símbolos de uma nação” (HOBSBAWN, 1990), estimulando o sentimento de defesa da sua identidade nacional, a qual o grêmio representava, tornando-se soldados em defesa da sua pátria.

O conflito do trapiche preto

O conflito mais conhecido ocorrido entre as associações esportivas, o qual teve conseqüências que duraram alguns anos e que reforçaram a rivalidade entre os praticantes, membros e torcedores das associações, foi o “conflito do Trapiche Preto, em 15 de maio de 1911 na raia dos Navegantes” (HOFFMEISTER, 1979, p. 76). Este conflito ocorreu em decorrência de uma acirrada competição na prova de quatro remos com timoneiro do Campeonato do Estado, organizado pelo Comitê de Regatas onde a dianteira era comandada pela guarnição do GRAT e seguida pela guarnição do Clube de Regatas Germânia, representantes de luso-brasileiros e teuto-brasileiros respectivamente.

A guarnição do GRAT chega à frente, seguida logo após pela do Germânia, porém a equipe do GRAT fora desclassificada por delito de raia. Ao perceber que o primeiro lugar foi concedido para a sociedade teuto-brasileira, a torcida GRAT, no momento em que os juízes hasteiam a bandeira do Germânia, não admite a ausência da bandeira de seu clube no mastro da vitória e ainda menos a dos adversários no lugar. Na época era comum fretarem vapores para o público acompanhar as regatas. Um dos que levavam torcedores do GRAT, brada em voz altissonante: “Bandeira do Germânia abaixo”. Abordando o trapiche, os torcedores/soldados arriam a bandeira adversária, rasgando-a e passando os pedaços de mão em mão, como troféus.

O conflito se generaliza quando os torcedores do Germânia enfrentam a torcida adversária, reagindo à agressão à sua bandeira, símbolo dos clubes. Para Durkheim, citado por Oliven (1992, p. 14), “o soldado que cai defendendo sua bandeira certamente não crê ter-se sacrificado por um pedaço de pano, mas sim pelo país, representado pela

bandeira”. Os clubes não representavam apenas um local de lazer e de prática esportiva, mas de um pedaço da pátria onde a identidade cultural era reforçada e reafirmada perante as demais. Os ânimos dos torcedores/soldados só serena quando os juízes conseguem explicar os motivos da desclassificação da guarnição do GRAT.

Posteriormente, o clube dos luso-brasileiros comparece com uma comissão à sede dos teuto-brasileiros com uma bandeira reconstituída e com um pedido de desculpas, com o objetivo de reconstituir a paz. O ato não evitou a crise e a Federação foi dissolvida, criando um marasmo esportivo, quando as sociedades participavam apenas de competições internas, trazendo um isolamento. Até que em outubro de 1911, Carlos S. Arnt, presidente do *Ruder Verein Freundschaft* (Grêmio Náutico União), clube fundado em 1906 por teuto-brasileiros e que não era filiado à entidade regional do remo, convidou os clubes de remo para uma regata de estafetas, sendo durante esta festividade a decisão dos clubes reunirem-se em “Liga Náutica Rio Grandense”. Nem mesmo a inauguração de uma nova federação fez com que o momento crítico se desfizesse, aumentando a rixa entre as identidades, mas sem conflitos nem competições entre elas; a concorrência entre as associações é uma maneira de afirmar o valor de cada uma perante suas concorrentes.

De acordo com Castello (1923, p. 25), a crise manteve-se até fins de 1914, quando a Liga náutica conseguiu efetuar a primeira demonstração externa das sociedades locais, retomando as competições, rixas e confrontos apenas em nível esportivo e através da participação em competições conceituadas. Quando no ano posterior o GRAT reafirma seu valor perante as suas “co-irmãs” (CASTELLO, 1923) e sua identidade brasileira no exterior.

O Tamandaré competindo em Montevideu no Uruguai

Em 1915 o Tupinambá, primeiro barco de oito remos do GRAT, embarcou para Montevideu para representar o Brasil no "Páreo Comisión de Educacion Physica", em 2.500 metros da Regata Internacional de Montevideu (LICHT, 1986), convidado pela comissão de Educação Física de Montevideu. Na prova concorriam guarnições uruguayas e argentinas, sendo o GRAT a única associação esportiva de remo brasileira,

intensificando o sentimento de nacionalidade de seus associados, torcedores, dirigentes e remadores.

A competição ocorreu em 27 de março de 1915, um dia de grande tormenta, o tempo não colaborou com o desenvolvimento da disputa; na tarde do dia anterior os ventos já sopravam com velocidade e continuaram na manhã do dia das regatas. Com esperança de melhora, os juízes decidiram efetuar os páreos, o que consistiu num fato histórico tragicômico do Grêmio.

O páreo foi muito disputado entre as guarnições do Brasil e da Argentina, alternando momentos na dianteira com o segundo lugar, e os uruguaios avançado com velocidade em terceiro lugar. O mar estava furioso no momento da competição e atingia o interior do barco, os remadores lutavam para se manter na dianteira e na superfície, quando nos 2.200 metros, o gig se encheu d'água e afundou, enquanto os remadores do Tupinambá se salvavam, avistaram os uruguaios em idêntica circunstância.

Assim os argentinos triunfaram com um barco mais largo e mais pesado que os demais, porém o barco teve o mesmo destino logo após cruzarem o poste vencedor. Não houve perdas de vida, mas o pioneiro Tupinambá ficou seriamente danificado ao ser resgatado por duas embarcações.

Esta competição foi uma das mais importantes na trajetória do clube, a primeira internacional, na qual afirmou sua identidade brasileira ao competir com clubes internacionais, representando o Brasil na disputa. Apesar dos danos no Tupinambá, a participação foi de grande importância pela representação que o GRAT adquiriu perante os seus adversários porto-alegrenses com outras identidades culturais, tendo em seu quadro de competições o exclusivo “Regata Internacional de Montevideo”.

O Tamandaré e suas conquistas: vitórias brasileiras em “lutas pacíficas”

De 1903 a 1923, o GRAT obteve seu maior número de vitórias em campeonatos com significativa representação entre as associações esportivas do Estado, inclusive em nível nacional e internacional. Neste período foram registradas as nove conquistas de Campeonatos do Rio Grande do Sul promovidos pelo Comitê de Regatas do Estado do Rio Grande do Sul. Este prêmio era chamado de *Wanderpreiss* até 1911, quando o Comitê de Regatas modifica-se para Liga Náutica Rio-grandense.

De 1898 até 1915, este campeonato era disputado na raia dos Navegantes com barcos de quatro remos com timoneiro, no modelo *gig* a quatro remos com peso mínimo de 110 quilos. Entre 1915 e 1922 foi realizado em *gigs* de quatro remos com peso a partir de 100 quilos e de 1923 em diante passou a ser disputado por barcos tipo “*Shell*”, de oito remadores com timoneiro.

Este campeonato era o mais cobiçado entre os clubes em razão dos conflitos de representações de identidades na delimitação espacial entre etnias e culturas. Como prova mais concorrida pelas associações cada uma delas dava o máximo de empenho para sua conquista, com a intenção de mostrar a supremacia de uma identidade sobre as outras, re-significando a disputa e a vitória esportiva para batalha e triunfo sobre outras culturas, afirmando a grandeza étnica absoluta no universo da sociedade porto-alegrense durante o ano da conquista.

Nos primeiros 20 anos após seu nascimento o GRAT conquistou muitas vitórias nesta competição, sendo que entre 1916 e 1923 foram sete vitórias, sendo cinco consecutivas. Desta forma, o Tamandaré adquiriu o direito de levar o troféu para sua sede, e apenas em 1921 o Grêmio de Regatas Almirante Barroso (associação fundada por luso-brasileiros) tomou-lhe o título.

Durante os anos de 1911 e 1914 as provas não foram realizadas em consequência do conflito do Trapiche Preto em 1911, evento referido anteriormente, que resultou num período de isolamento entre os clubes. A seguir será apresentado um quadro com os Campeonatos do Rio Grande do Sul conquistados pelo GRAT, disputa que possuía grande significação entre as associações esportivas de remo da cidade.

Tabela I. Campeonatos do Rio Grande do Sul conquistados pelo GRAT.

ANO	BARCO	MODELO	GUARNIÇÃO	TIMONEIRO	TEMPO
1907	Informação não localizada	Gig	Ernesto Wildt, Adolfo Alencastro, Hugo Bina, Arnaldo Mohr	Carlos Soares Bento	Informação não localizada
1909	Informação não localizada	Gig	Arthur Teichmann, Adolfo Alencastro, Hugo Gerber, Ernesto Wildt.	Carlos Soares Bento	Informação não localizada
1916	Tapajoz	Gig	Oscar Teichmann Sobrinho, Miguel Castro, Arnaldo Bernardi, Victor Pavani.	José da Costa Dias.	8' 46"
1917	Tabajara	Gig	Arnaldo Bernardi, Oscar Teichmann Sobrinho, Zeferino Bento, Victor Pavani.	Carlos S. Bento	7'42"
ANO	BARCO	MODELO	GUARNIÇÃO	TIMONEIRO	TEMPO
1918	Tabajara	Gig	Arnaldo Bernardi, Oscar Teichmann Sobrinho, Zeferino Bento, Victor Pavani.	Antônio Urbano Ventura	7'12"

1919	Tabajara	Gig	Arthur Fortes, Oscar Teichmann Sobrinho, Arnaldo Bernardi, Victor Pavani.	Antônio Urbano Ventura	8'25"
1920	Tabajara	Gig	Arnaldo Bernardi, Oscar Teichmann Sobrinho, Arnaldo Gaelzer, Victor Pavani.	Antônio Urbano Ventura	7'41"
1922	Tapacoára	Out-rigger	Arthur Fortes, Armando K. Oliveira, Arnaldo Bernardi, Victor Pavani.	Antônio Urbano Ventura	7'58"
1923	Tembyara	Out-rigger	Francisco de Paula Oliveira, Leonard Wilkson Andrew, Arnaldo Bernardi, Victor Pavani	Antônio Urbano Ventura	7'47"

O Campeonato do Rio Grande do Sul era o mais disputado entre as associações esportivas de remo de Porto Alegre, e a sua valorização fazia com que estas se preparassem durante o ano todo. Seu vencedor era considerado o melhor da cidade durante intervalo entre um campeonato e outro. Por ser um campeonato desenvolvido pelos alemães quando o Comitê de Regatas era composto apenas por suas associações, a sua conquista possuía grande significado para o GRAT. Tanto que durante os primeiros vinte anos de fundação do GRAT este conquistou nove vezes o campeonato, o Grêmio de Regatas Almirante Barroso obteve seis vitórias e o *Ruder Verein Germânia* (Clube de Regatas Germânia), duas vitórias.

Em outubro 1918, o GRAT embarcou para o Rio de Janeiro, capital federal na época, para participar do Campeonato de Remo do Brasil, prova máxima do remo nacional, juntamente com a guarnição do Grêmio de Regatas Almirante Barroso, chamando a atenção por também ser uma associação fundada por luso-brasileiros, representando a Liga Náutica Rio-grandense, a guarnição do Tamandaré estava desfalcada por dois de seus melhores remadores: Arnaldo Bernardi e Victor Pavani, vítimas de uma virose epidêmica da época, sendo substituídos por Arthur Fortes e Hugo Teichmann, remadores de outro clube luso-brasileiro, o Grêmio de Regatas Almirante Barroso. A Liga Náutica Rio-grandense, com embarcação de superioridade numérica de remadores tamandaristas, cumpriu o trajeto com um excelente desempenho de 7' 45", no barco "*Mirabello*", tomando posse do título de Campeão do Brasil.

Representando Porto Alegre disputou o título de campeão Rio-grandense com clubes representantes de cidades do interior com tradição no esporte, Pelotas e Rio Grande, em oito de setembro de 1915, em um campeonato criado com objetivo de mostrar aos clubes da capital que o interior também praticava este esporte e possuía grande aceitação do público. Do campeonato realizado pela Liga Náutica participavam

apenas clubes com sede em Porto Alegre. Ao vencer mais esta prova, o GRAT assim estaria construindo a imagem de verdadeiro campeão do estado.

Participaram juntamente com o GRAT, os clubes Natação e Regatas, de Pelotas, e o Club de Regatas, de Rio Grande. O alinhamento dos *gigs* na raia aconteceu às 17 horas, e o Almirante Tamandaré manteve a dianteira do início ao fim da prova no tempo de 6' 26", com a seguinte guarnição: no *gig* Tamoyo: José da Costa Dias, patrão; Victor Pavani, voga; Arnaldo Bernardi, sota-voga; Zeferino Bento, sota-proa e A. Provenzano, proa. Como descreve Castello (1923, p. 33), um jornal da cidade fez menção à disputa realçando a grande aceitação do público à prática do remo também no interior, enfatizando a representação do esporte nas sociedades, não apenas na capital: “a maruja Tamandarista transpôs a raia vencedora, debaixo de entusiásticas e unânimes aclamações partidas de centenas de pessoas que assistiam a bella festa de hontem, que, para sempre, ficará gravada nos annaes náuticos do Rio Grande do Sul.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do século XX, os teuto-brasileiros possuíam grande representação esportiva e social na cidade através das associações esportivas fundadas, não apenas com o objetivo de desenvolver a prática esportiva, mas também com a intenção de manter a sua identidade nacional. Nas associações esportivas mantinham alguns costumes, práticas e hábitos trazidos de seus países de origem, preservando características étnicas e classificando o grupo com uma identidade específica relacionada à pátria, a qual os indivíduos se viam vinculados.

As disputas entre identidades nacionais eram comuns entre os imigrantes europeus na cidade e a reutilização de associações esportivas para reforçar esse sentimento de pertencimento a uma nação foi de grande importância para o desenvolvimento esportivo, principalmente o remo. Por ser um esporte de que necessita de grande investimento financeiro, seus barcos eram importados de países onde a prática era recorrente, sendo alto o valor do produto e da taxa de importação.

O remo tinha uma grande representação na sociedade porto-alegrense, onde indivíduos de alto poder aquisitivo freqüentavam suas associações esportivas e era visto

como um esporte para poucos e poucos que possuíam muito. Suas sedes eram locais de encontros sociais e de interação entre pessoas que buscavam uma identidade cultural, a qual as caracterizasse como pessoas vitoriosas, que fizessem parte da burguesia porto-alegrense.

As diferentes culturas que habitavam a capital do Rio Grande do Sul na época procuravam delimitar espacialmente seu espaço na sociedade local. Para tanto reutilizaram práticas e costumes culturais, recriando uma diferenciação e procurando se identificar como genuinamente de suas nações de origem ou a qual escolheram para si. Os luso-brasileiros tinham intuito de recriar uma identidade que os diferenciasse das demais identidades culturais que habitavam Porto Alegre na época, principalmente a teuto-brasileira, que possuía uma grande representação social e esportiva na sociedade através das suas associações esportivas, e assim se fixar de modo significativo no espaço social.

O remo era um esporte bastante difundido na Alemanha, país de onde foi importado o primeiro barco das associações esportivas em Porto Alegre, dando uma característica germânica ao esporte, que os teuto-brasileiros exploraram, mantendo a cultura alemã no interior dos dois únicos clubes de remo e na federação. Os descendentes de portugueses, reagindo a esta hegemonia nas associações esportivas, fundaram o GRAT.

Com a finalidade de demarcar de forma simbólica fronteiras entre as culturas, os luso-brasileiros reconstruíram uma identidade nacional para a associação esportiva, através da reutilização de fontes simbólicas que caracterizavam a cultura brasileira, procurando assim caracterizar todos que a freqüentavam como cidadãos verdadeiramente brasileiros, desenvolvendo uma disputa entre identidades culturais. Para tanto, reutilizaram representações nacionais que influenciassem no imaginário coletivo, como idioma nacional em seus documentos oficiais e nas instruções de comando, o símbolo de um herói nacional na denominação do grêmio, palavras no idioma das tribos indígenas brasileiras em seus barcos e através de conquistas de campeonatos de grande representação no estado, no país e internacionais procuraram recriar uma característica de brasileiros-guerreiros, intensificando a rivalidade entre identidades.

O título com o nome de um herói náutico brasileiro, Almirante Tamandaré, mostrou as características com que os fundadores gostariam de identificar o clube. O almirante foi um guerreiro no mar, lutou pela pátria em várias revoluções em diferentes pontos do país, sendo este o desejo dos portugueses, que a pátria fosse defendida das outras identidades nacionais nas competições de remo.

A utilização do português como idioma oficial foi a primeira grande diferenciação do grêmio dos dois outros clubes, que usavam a língua alemã em todos os momentos, seja a escrita ou a falada, porém remadores de outras etnias demonstravam dificuldades em acompanhar o desempenho dos teuto-brasileiros perante as vozes de comando do timoneiro, desenvolvendo um sentimento de exclusão e de não pertencimento à equipe, e seu rendimento sendo retardado por esse não entendimento da língua. O Grêmio Tamandaré abrangeu essas necessidades dos remadores portugueses que se identificaram com a cultura por entender perfeitamente os comandos.

A reutilização de palavras indígenas nos nomes dos barcos buscou nas raízes brasileiras a caracterização do clube verdadeiramente nacionalizado. Os tupi-guaranis foram os primeiros habitantes do território nacional, todos os imigrantes que aqui chegaram vieram depois deles e trouxeram outras culturas, portanto, as tribos indígenas são a mais pura demonstração da cultura brasileira. Os luso-brasileiros assumiram isso e se utilizaram desta ferramenta para recriar esta cultura.

Com a caracterização do clube feita através da reutilização de símbolos culturais que representassem mais genuinamente o Brasil, os luso-brasileiros precisavam enraizar sua representação na sociedade através da demonstração da grande capacidade da raça, com conquistas de campeonatos significativos no esporte.

O remo é um esporte que tem como característica a força empregada nas remadas para a aquisição da velocidade do barco, os remadores são o motor do barco, a equipe vencedora tem o melhor motor, maior força, maior capacidade e remadores mais fortes e rápidos. Considerando essas metáforas, os remadores identificados como homens guerreiros com melhor capacidade física, numa das disputas chegaram a esboçar atos de agressão física em razão do conflito de interesses, resultando no fim do primeiro comitê esportivo do Brasil, que foi reinaugurado como Liga Náutica Rio-Grandense.

O GRAT conquistou muitos títulos ao longo dos primeiros vinte anos de sua fundação. Foram os anos de maiores conquistas, identificando o clube como um dos principais no esporte na capital rio-grandense. Os títulos nacionais, regionais e a participação em disputas internacionais, fizeram com que os fundadores alcançassem seu objetivo de fixar a identidade cultural brasileira como de grandes esportistas do remo e garantir o espaço da identidade nacional nas associações esportivas em Porto Alegre, estabelecendo o lugar dos brasileiros na sociedade local.

REFERÊNCIAS

- BOUDIN, Max H. **O simbolismo verbal primitivo: análise estruturalista de um dialeto tupi-guarani.** Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1963.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CASTELLO, João. **Álbum comemorativo ao 20º aniversário do Gremio de Regatas Almirante Tamandaré 1903-1923.** Porto Alegre: Edição Revista Vida Gaúcha, 1923.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.
- GERTZ, René. **O perigo alemão.** Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.
- HOFMEISTER, Carlos. **Pequena história do remo gaúcho.** Porto Alegre: CORAG, 1979.
- LICHT, Henrique. **O remo através dos tempos.** Porto Alegre, Corag, 1986.
- MASCARENHAS, Gilmar. Imigrantes desportistas: os alemães no Rio Grande do Sul. Scripta Nova: **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Nº. 5, 2001
- MATTOSO, José. **A identidade nacional.** Portugal: Ed. Gradiva, 1998.
- MAZO, Janice e FROSI, Tiago. Em busca da identidade luso-brasileira no Associativismo esportivo em Porto alegre no princípio do século XX. **Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**, 2008.
- MAZO, Janice. **A emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural brasileira.** Porto, Portugal. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade do Porto (UP), 2003.

MAZO, Janice e REPPOLD, Alberto Reinaldo (Org.). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**: atlas do esporte, da educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005

MELO, Victor. Remo, modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. **Esporte e Sociedade**, número 3, Jul 2006/Out 2006.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

PESAVENTO, Sandra (org.). **História cultural**: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

PESAVENTO, Sandra. **História & história cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SMITH, Antony D. **A identidade nacional**. 1ª Ed. Lisboa: Gradiva, 1997.

Recebido em: 05/05/09

Aprovado em: 24/07/09

Contato das autoras:

Carol Fernandes: carol_ed.fis@hotmail.com

Janice Zarpellon Mazo: janmazo@terra.com.br